

UM PRACINHA PAULISTA NO INFERNO DE HITLER: UM LIVRO DE MEMÓRIA DA GUERRA
XIV INIC/ X EPG – UNIVAP 2010

DOUGLAS DE ALMEIDA SILVA¹, PROFa. DR^a VALERIA ZANETTI²

¹UNIVAP/AQUARIUS, Graduação em Historia. Rua Dr. Tertuliano Delphim Jr, 181 – Jardim Aquarius, 12246-080, São José dos Campos – SP. lobdas@yahoo.com.br

²UNIVAP/URBANOVA, IP&D, Laboratório de Historia. Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova, 12244-000, São José dos Campos – SP.

Resumo- *Um pracinha paulista no inferno de Hitler* é um livro raro, escrito pelo jornalista Altino Bondesan, logo depois da guerra. Bondesan narra a participação de Eliseu de Oliveira na FEB, na Segunda Guerra Mundial. Deixando a Ditadura de Vargas para derrotar as ditaduras da Europa, Eliseu lutou no teatro de operações da Itália tornando-se prisioneiro de guerra pelos alemães. Nessa guerra onde a participação do Brasil era movida por interesses norte-americanos, a FEB aprendeu estratégias de guerra na própria guerra. Pretende-se reviver a memória da FEB por meio de uma memória particular, a do pracinha Eliseu de Oliveira, contrariando, dessa forma, a tentativa de apagamento dos heróis da FEB pela política adotada pelo Estado Novo que viu, nos ex-combatentes de guerra uma grande ameaça.

Palavras-chave: Pracinha, Eliseu de Oliveira, 2º Guerra Mundial, Memória, FEB.

Introdução

Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso deste ano. Buscamos desenvolver uma discussão acerca da memória de guerra, entendendo a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.

Além de apresentar à comunidade acadêmica uma importante obra, desconhecida para muitos, este trabalho apresenta a memória de um cidadão joseense que combateu nas trincheiras da segunda Guerra Mundial.

Altino Bondesan, autor do livro nasceu em 1916. Foi escritor, jornalista e advogado, instalou-se em São José em 1935 para tratamento da tuberculose.

Um pracinha paulista no inferno de Hitler é uma série jornalística publicada num dos jornais em que Bondesan era correspondente. Na série, o jornalista relatou a saga do ex-combatente Eliseu de Oliveira, filho de lavradores joseenses que combateu na Força Expedicionária Brasileira (FEB). A série narra a experiência de seis meses de Eliseu como prisioneiro de guerra na Europa.

Metodologia

A fonte principal de análise consiste na memória de guerra de Eliseu de Oliveira, acrescida de depoimentos de memorialistas.

O contexto histórico foi trazido pelas leituras acadêmicas acerca do contexto da Segunda Guerra. Correspondências localizadas no Arquivo Público do Município de São José dos Campos, além de Propagandas nazistas pertencentes ao

veterano Jarbas Dias Ferreira contribuíram para o enriquecimento da pesquisa.

Entre as fontes impressas apoiamo-nos no *Correio Joseense* e no Jornal de campanha intitulado *E a cobra fumou!* escrito pelo 1º batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Discussão Bibliográfica

Eliseu era joseense, filho de lavradores. Aos 19 anos entrou para a reserva depois de exercer a função militar no 4º Regimento de Infantaria de São Paulo. Ajudante do pai, no bar da família, ficava atento às notícias do grande conflito mundial cuja dimensão internacional acabou por agitar a pacata São José dos Campos (Bondesan, 1947: 9).

O Brasil vivia uma ditadura imposta pelo movimento de 1930, dando espaço para atuação de Getúlio Vargas. Vargas governava soberano o Brasil depois da instauração do Estado Novo (1937). Nesta época, o legislativo foi abolido, os sindicatos passaram a ser controlados pelo Estado, o Departamento de Informação e Propaganda (DIP) controlava os setores de informação e o Estado seguia seu rumo personificado na figura de Getúlio Vargas, no melhor estilo fascista (Tota, 1987: 29-31).

A industrialização era a grande meta. Com um projeto nacionalista para a nação, Getúlio Vargas defendia o papel do Estado na administração dos diversos setores da sociedade. As indústrias de base, além dos anseios de modernização do exército e a segurança nacional passaram a fazer parte do programa de Estado. Porém, a tão almejada industrialização só seria possível por meio da introdução de capitais

estrangeiros. Para cumprir o projeto delineado por Vargas o Brasil acabou por estabelecer uma contraditória política de conciliação com a Alemanha nazista e com os Estados Unidos da América (Skidmore, 1969: 67,68,69).

Os Estados Unidos se aproximaram do Brasil diante da eminente possibilidade da instalação de uma indústria siderúrgica com investimentos alemães. Para conter essa medida, os Estados Unidos lançaram uma linha de crédito que cobriu os investimentos da Siderúrgica de Volta Redonda, a modernização do exército Brasileiro e a extração da borracha e minerais por empresas norte-americanas (McCann, 1995:109).

Em 1946, São José dos Campos passou a entrar nos planos nacionais desenvolvimentistas. Uma área, doada pelo governo federal, foi reservada para a implantação do Centro Técnico Aeroespacial, uma associação de investimentos brasileiros e norte-americanos (Arquivo Público do Município de São José dos Campos, Caixa: 10 1941-1946).

O Brasil estava dando início ao plano de criação da indústria no país. Para este fim, utilizaram capitais norte-americanos que, por um lado, impulsionaram a industrialização, mas por outro, ampliou a dependência do Brasil com os EUA (McCann, 1995).

Como resultado das negociações entre Brasil e Estados Unidos, formou-se a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e foi iniciado o recrutamento de homens para o combate internacional contra o Nazi/fascismo. Os pracinhas de São José se registraram no 6º Regimento de Infantaria de Caçapava. Logo depois foram divididos em três batalhões devido à falta de estrutura da cidade de Caçapava em acomodá-los. Um dos batalhões se dirigiu para Lins, outro para Pindamonhangaba e o terceiro para Taubaté.

As tropas brasileiras recrutadas para a grande guerra internacional receberam um treinamento muito aquém da realidade de um conflito de tais proporções. Os convocados eram jovens reservistas que haviam passado pela formação normal do exército. Treinamento de guerra apenas se deu em *Vada*, já na Itália. Antes, apenas troca de tiros reais nos campos de Gericinó na Vila Militar do Rio de Janeiro. Suas vestimentas, armas, treinamentos etc., foram providenciados apenas na Itália quase às portas do conflito. A mudança da técnica de combate que era baseada na escola francesa foi alterada com a influência dos Estados Unidos. Os modelos adotados pelo exército atual tiveram seu início com a FEB na Itália (Bondesan, 1947: pg. 38; Waack, 1985:73).

A FEB era basicamente constituída de praças jovens. Eliseu de Oliveira recrutado para atuar na guerra, na época com aproximadamente

22 anos, conta que, em Caçapava, muitos praças fugiam para suas cidades, sendo advertidos pelo Exército. O próprio Eliseu fugiu para São José três vezes. Uma dessas fugas, conhecida como “A Tocha”, contou com a participação de um grande número de soldados desertores (Bondesan, 1946; Cabral, 1987).

As memórias de Eliseu fazem parte da representação de um jovem em meio a um contexto de guerra, em que a incerteza e a dúvida tomava conta de todos. Eliseu estava certo que a vida do pracinha não tinha mais volta. Aproveitando-se desse cenário de incerteza é que se pode entender os casos de violência sexual cometidos pelos soldados nas proximidades da Vila Militar no Rio de Janeiro. Num deles, um grupo de pracinhas surpreendeu um casal, espancou o homem e estuprou a mulher.

O grupo de combatentes que saiu de São José permaneceu junto no convés do Navio General Mann. Em meio às saudosas músicas do alto falante do navio os soldados lembravam as típicas histórias de São José. Eliseu, tomado pelo sentimento de comoção nacional confessou: “À medida que nos distanciávamos do Brasil, crescia em nós o sentimento de patriotismo e o senso do dever a cumprir.”

O navio cruzou o Atlântico até atracar em Nápoles na Itália. De lá seguiram para *Bagnoli*, *Pisa*, *Tarquinia* e *Vada*, esta última cidade foi o local onde aconteceu o segundo e mais “completo” treinamento da FEB, para então seguirem para a linha de frente.

Eliseu de Oliveira narra à destruição das cidades italianas. A pobreza gerada pela guerra era tamanha que as moças eram levadas à prostituição pela família em troca de alimentação. Eliseu de Oliveira relata a respeito da carestia, inflação e desvalorização da moeda na Itália que levava a população a buscar, entre as tropas, alimento e dinheiro. O pracinha brasileiro fala sobre os relacionamentos entre os soldados e a população na Itália, enfatizando as bebedeiras de alguns praças. Segundo Eliseu de Oliveira, “beber e amar são verbos que o praça conjuga em todos os tempos e com toda a força do coração” (Bondesan, 1947: pg. 17, 20-26).

As italianas se envolviam com os praças por motivos variados: agenciamento, depressão, carência, etc. Ao pedir abrigo na casa dos italianos, fato comum na guerra, Eliseu se envolveu com a jovem italiana, Oreana, nas imediações de S. Casciano. Estimulado pelo sentimento de falta de esperança em contexto de guerra, o soldado brasileiro propôs à jovem os mais diversos planos. A certeza da eminência da morte fez com que Eliseu não perdesse tempo, e a lãbia conquistadora, atributo dos brasileiros, fez com que ele acabasse se envolvendo com uma

mulher mais velha, Flavia (Bondesan, 1947: pg. 79-82, 88,89).

Eliseu comenta a respeito dos espíões nazistas, conhecidos como os *Quinta Coluna*. Estes divulgavam falsas informações a respeito da FEB que assustavam os italianos. Apesar dos boatos de que os brasileiros eram selvagens, praticantes de antropofagia, a cordialidade brasileira selou rapidamente a amizade com os italianos. Essa convivência harmoniosa foi facilitada também pela presença de descendentes de imigrantes italianos entre as tropas brasileiras, que logo travaram uma comunicação com seus conterrâneos (Bondesan, 1947).

Os jornais de campanha eram freqüentes no 1º batalhão do 6º RI, o qual Eliseu pertencia. Eliseu era ávido leitor do jornal: *E a Cobra Fumou*.



Figura 1: - E a cobra fumou! Ano I, n.º12, 1º batalhã o, 25 de abril de 1945.

O jornal continha críticas ao Estado Novo, como podemos perceber no artigo intitulado “não registrado no DIP”.

A guerra psicológica também era uma estratégia utilizada pelos alemães que despejavam sobre as linhas brasileiras centenas de cartazes incitando os brasileiros a se entregarem (Silveira, 2001; Bondesan, 1947).



Figura 2: Panfletagem psicológica do Exército Alemão.

No verso do panfleto acima a mensagem continua dizendo:

“Escuta:

O que me deram foi a minha demissão e um par de muletas.

Agora faço parte do exército dos inválidos da guerra, que aumenta continuamente.

Não sirvo para nada. Já não posso exercer a minha profissão nos caminhos de ferro.

Talvez consiga uma autorização para vender amendoim torrado. O negocio não rende muito, mas com a pequena pensão que se recebe não se pode sustentar uma família.

Por essa razão, digo-te o seguinte:

Cada gota de sangue vertida na Europa é em vão!

Não temos nada que meter o nariz nas questões da banda de lá

Eles que se arranjam lá como quiserem com as suas excomungadas guerra!

Tem cautela amigo e faz por regressar a casa são e salvo... se puderes (Folheto do Exército Alemão).”

No campo de batalha, Eliseu revela alguns casos de imprudência da FEB: como acender o fósforo na linha de frente, caminhar sobre campo minado sem preparo, etc. (Bondesan, 1946; Motta, 2001).

Em suas últimas batalhas como combatente, Eliseu e sua companhia estavam em *Barga*, onde numa noite de chuva e muita lama, os 17 brasileiros, confrontaram os alemães, fazendo-os recuar até as imediações de *S. Quirico*. Entendendo que a batalha estava ganha, se refugiaram em uma casa das imediações. Mas os alemães voltaram com um contingente maior e castigaram o abrigo brasileiro com morteiros e o pipoquear ininterrupto das metralhadoras alemãs: as “lurdinhas”. O oficial superior, mais próximo deles era o Tenente Fagundes, que não estava nas proximidades. Sem orientação e sem

comunicação, a única opção era se arriscar e romper o cerco para evitar um massacre.

Em meio às rajadas de metralhadora Eliseu e um companheiro procuram a companhia do Tenente Fagundes para salvá-los, porém nenhum apoio é encontrado. A segunda tentativa é desesperadora para a tropa. Os que estavam no abrigo não tinham certeza se Eliseu e o colega voltariam ou se entregariam como prisioneiros ao inimigo.

Ambos, num pacto solidário, prestaram juramento perante a Bíblia, prometendo voltar, custe o que custasse. Desceram pela retaguarda sob fogo cerrado, até se abrigarem numa casa onde estava o pelotão do Capitão Atravino Cortes Coutinho. O Capitão explicou que também estavam cercados e que era melhor que voltassem, mas ambos estavam sob juramento que prestaram a seus “irmãos e armas”. Eliseu, convicto do que havia prometido argumentava ao seu superior: “Meu dever é regressar ao sobrado, ou morrer pelo caminho”.

O superior, fitando-o admirado estimula-o: “Se é esse o seu desejo, nada tenho a opor. Volte para junto de seus camaradas e que Deus esteja com vocês!” (Bonsesan, 1947: 105,106).

Eliseu e o colega voltaram para junto dos seus. Era o dia 31 de outubro de 1944! Os que sobreviveram ao ataque germânico se tornaram prisioneiros de guerra.

Furiosos com a resistência brasileira, os alemães prepararam um pelotão de fuzilamento nas proximidades de *Castelnuovo*. Antes da contagem final um oficial superior ordenou o cancelamento da execução por “respeito” à origem dos inimigos.

Eliseu e os demais saíram em marcha para o Norte da Itália carregando os feridos alemães que eles balearam. Depois de 48 horas de fome, lhes foi servido pão. Interrogados, trabalharam pela primeira vez nas estradas de *Serizoli*. O trabalho era árduo e cansativo, enquanto a alimentação, que consistia numa sopa mal cheirosa, não era suficiente para repor as forças.

De trem, dirigiram-se a *Parma*, onde Eliseu passou a fazer contato com seus companheiros de guerra do 5º Exército que haviam sido presos pelos alemães.

As viagens eram arriscadas, pois os aviões americanos atacavam a qualquer momento. Mesmo assim conseguiram chegar ao primeiro campo de concentração, em *San Giovanni*. Em *San Giovanni* encontraram os soldados mais hostis, os *tirolezes*, nascidos nos Alpes entre a Alemanha e a Itália. Estes insultavam e apedrejavam os brasileiros aos sons de “*Braziliani razza di cani... Nieri, brutti schifosi!...*” (Bonsesan, 1947: 147).

A amizade entre brasileiros e americanos, estes últimos, alegres e brincalhões, se estreitou nos campos; comportamento diferente dos ingleses, sérios e frios. Uma das amizades mais sólidas dos brasileiros em meio às rajadas de metralhadora foi a de Armando, oficial nazista, natural de Portugal. Sem que os demais oficiais soubessem os brasileiros trocavam presentes com Armando, enquanto este retribuía com sabonetes, toalhas e escovas de dente.

Os brasileiros tinham um informante dentro do campo: Muller, pertencente ao 1º batalhão do 6º RI, capturado junto com Eliseu e com os demais. Muller era descendente de alemães e passou toda sua estada no campo escondendo sua origem e relatando para os demais todas as conversas dos alemães.

No frio intenso dos Apeninos a FEB dispunha de vestimentas adequadas para suportar a temperatura de -18°C. Em *Mantua*, na Itália, Eliseu e seus companheiros dispunham de apenas um cobertor fino para suportar o inverno europeu. À noite os brasileiros dormiam juntos, e cada cobertor cobria dois companheiros.

Eliseu confessa que não terminou a guerra odiando os alemães, chegou até a odiá-los diversas vezes, principalmente sob os risos, deboches e maus tratos que recebia quando era obrigado a exercer trabalho forçado. Mas compreende que os jovens alemães, principalmente os que chegavam ao posto de comando, faziam parte da juventude alemã, iludida com o nacional/socialismo. Sua disciplina e fanatismo o impressionava, pois relatou que viu no campo de batalha muitos alemães darem seu último suspiro pronunciando a saudação nazista: “*Heil Hitler*” (Bonsesan, 1947).

Eliseu de Oliveira foi transportado para o campo de *Mosburg* na Alemanha e, em abril de 1945, foi libertado pelos exércitos norte-americanos. As tropas SS alemãs não conseguiram conter o avanço dos aliados. Ao todo Eliseu permaneceu seis meses como prisioneiro de guerra (Bonsesan, 1947; Motta, 2001).

A guerra teve fim em maio de 45 e o primeiro escalão da FEB foi o primeiro a voltar em junho de 1945. Sob as manifestações clamorosas dos cariocas, a FEB foi recebida no Rio de Janeiro em desfile na Avenida Rio Branco.

A recepção dos pracinhas em São José dos Campos também teve grande festa patrocinada pela Cerâmica Weiss e pela Associação Esportiva São José (Bonsesan, 1947; *Correio Joseense*, 1945).

Depois de tudo que passou como prisioneiro, depois de ver seus companheiros tombarem diante de si e de ver muitos daqueles heróis levarem uma vida indigna, como: bêbados,

loucos ou mendigos, Eliseu chega a conclusão que a guerra foi em vão.

A FEB foi extinta, seus armamentos foram recolhidos e seus integrantes ingressaram para reserva já em território italiano. Oudinot Walladino, atirador do 3º pelotão do 6º RI relata que recebeu uma quantia de apenas dois salários mínimos ao regressar no Brasil. O uniforme da FEB estava proibido de ser usado no Brasil pelos veteranos (Bondesan, 1947 & Motta, 2001: 49).

O direito de pensão dos veteranos só foi conquistado com a Constituição de 1988, segundo diversos depoimentos, apenas nos últimos vinte anos os veteranos da FEB tiveram sua memória resgatada e passaram a ser tratados como heróis (Motta, op.cit.).

Para Skidmore a FEB se tornou motivo de preocupação no projeto de transição da ditadura para o regime democrático. Em 1944 o governo brasileiro recebeu relatórios de oficiais brasileiros do 5º Exército. Os relatórios continham críticas ao Estado Novo (Skidmore, 1969: 72).

Em um país sem tradição democrática como o Brasil, a FEB sofreu a tentativa de ser apagada da história, pela sua postura contra as ditaduras e defensora da democracia, resultado do próprio contexto histórico em que foi criada.

Conclusão

A participação do Brasil na Segunda Guerra consolidou as negociações de Brasil e EUA, ao possibilitar ao governo nacional investir nas indústrias de base e na modernização do exército. Por outro lado, a dependência aos Estados Unidos acarretou diversas conseqüências ao Brasil nos anos seguintes.

Os pracinhas lutaram uns pelos outros, protegendo-se mutuamente. Temos relatos pessoais de ex-soldados brasileiros, resta ainda estudar os relatos da FEB para enriquecer o debate.

Agradecimentos

Agradeço as minhas mestras Valéria Zanetti, Maria Aparecida Papali, Maria José Acedo Del Olmo e Zuleika Stefania Sabino Roque pelos conhecimentos passados.

À boa vontade dos filhos de Altino Bondesan: Amilcar Bondesan, Irene J. Bondesan de Oliveira e Ana Maria Bondesan de Maria.

À Associação Nacional dos Veteranos da FEB de Jacareí por me receber em seu arquivo.

E ao veterano Jarbas Dias Ferreira, grande amigo.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:

-Correspondência expedida ao Departamento Estadual de Informações, 22 de julho de 1946, Correspondências recebidas, correspondências expedidas, arquivo de guarda permanente cx. 10, (1941-1946)

DESPOJOS DE GUERRA DE JARBAS DIAS FERREIRA

- Propaganda do Exército Alemão.

BIBLIOGRAFIA

-BONDESAN, Altino . *Um Pracinha Paulista no Inferno de Hitler*. São Paulo: 1947; Bonalume

- CABRAL, Geraldo Marcondes. *São José dos Campos na II Guerra Mundial*. Câmara Municipal de São José dos Campos, 1987.

-MCCANN JR, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1995.

-MOTTA, Aricildes de Moraes. *Historia Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, Tomo VII, 2001.

-SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2005.

-SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getulio a Castelo Branco (1930-1964)*, Ed. Saga, Rio de Janeiro, 1969.

-TOTA, Antonio Pedro. *O Estado Novo*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.

-WAACK, William. *As duas faces da gloria: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

Fontes Impressas

- CORREIO JOSEENSE, anno XVIII, São José dos Campos, nº953, 23 de agosto de 1942.

- CORREIO JOSEENSE anno XXI, São José dos Campos, nº1091, 19 de agosto de 1945.

- CORREIO JOSEENSE, anno XXI, São José dos Campos, nº1077, 8 de abril de 1945.

- *E A COBRA FUMOU!*. anno I, nº 12, 1º Btl, 6º R.I, 25 de abril de 1945.